

Entre sons e sentidos: a escuta como interface da criação¹

Maria Lucília Borges²
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP

Resumo

Esta pesquisa propõe investigar a escuta como dimensão fundamental da comunicação sensível, articulando os nove modos de ouvir propostos por Lucia Santaella (2001) e os quatro modos de escuta de Pierre Schaeffer (1966), em diálogo com o conto *Um rei à escuta*, de Italo Calvino (1995). Essa reflexão fundamenta conceitualmente a criação de uma instalação artística prevista para 2026, concebida como campo de experimentação de uma interface vestível, atualmente em fase final de prototipagem (interface e sistema computacional). A obra-pesquisa busca explorar a escuta do corpo, através da tradução de ondas cerebrais em cor-luz, propondo um deslocamento perceptivo que convida o sujeito à “escuta do olhar”.

Palavra-chave: escuta; comunicação sensível; linguagem sonora; corpo; semiótica.

Resumo expandido

Em *Um rei à escuta*, Italo Calvino narra a história de um rei que controla seu reino a partir da escuta. Imóvel em seu trono, o rei tudo sabe porque tudo ouve. O palácio torna-se extensão de seu corpo e ouvidos: “o palácio é o ouvido do rei” (CALVINO, 1995, p. 118). Enquanto rei e palácio se confundem, confundem-se também os sentidos dos acontecimentos trazidos pelo som. “O palácio é o corpo do rei. O seu corpo lhe manda mensagens misteriosas” (Ibid., p. 127) que o rei tenta decifrar, mergulhado em uma “paranoia sonora”. O que esses sons comunicam? Como decifrar esses enigmas sonoros? “Quem sabe a ameaça vem mais do silêncio do que dos ruídos?” (Ibid., p. 130)

Os “sons” que intentamos “decifrar” com a interface vestível *Schizomachine*, projeto em desenvolvimento desde 2018, são, na verdade, mudanças afectivas despertadas pelo corpo quando em contato com a Arte, sobretudo, com Arte Sonora. Assim como o rei de Calvino, também nós estamos aprisionados em nosso território sonoro, reféns de nossos modos de escuta ou, ainda, da nossa surdez. Esse aprisionamento

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Semiótica; Professora Associada do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. E-mail: maria.borges@ufop.edu.br

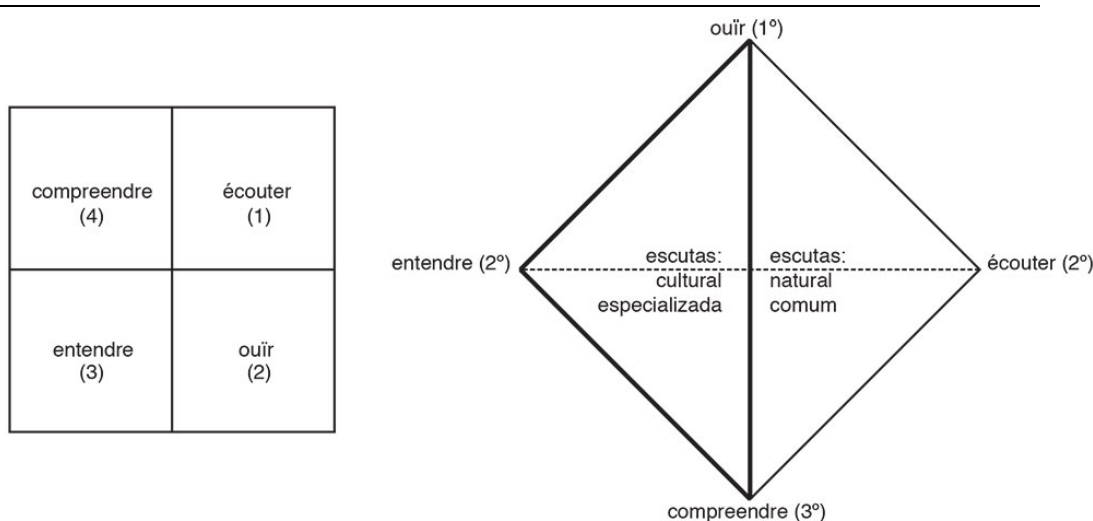
nos conduz a refletir sobre como escutamos, sobretudo, como escutamos nosso próprio corpo, fonte primeira de nossa identidade, uma identidade sonora e rítmica.

Tomando o corpo como um corpo sonoro, aquele que não apenas processa os sons de fora, mas também os produz e se comunica através deles, buscamos aqui retomar o estudo sobre a escuta, sob uma perspectiva semiótica, tendo como ponto de partida os conceitos de corpo e objeto sonoros em Pierre Schaeffer. Essa abordagem visa criar um aporte conceitual para a concepção da instalação artística prevista para ser realizada em 2026, onde a *Schizomachine*, em fase de finalização, deverá ser testada.

A partir de seus estudos sobre os objetos sonoros, Schaeffer definiu quatro modos de escuta, em *Traité des Objets Musicaux* (1966): *ouïr* (escuta passiva), *écouter* (escuta atenta), *entendre* (escuta intencional), *comprendre* (escuta intelectual). Além da classificação dos modos de escuta, analisou a percepção auditiva, organizando-a também em quatro grupos: natural e cultural; comum e especializada.

Ao relacionar a linguagem sonora como “a mais primordial”, ou seja, à categoria da primeiridade, base das duas categorias seguintes, Lucia Santaella propõe, em *Matrizes da Linguagem e Pensamento* (2001), nove modos de ouvir, a partir dos diferentes níveis de interpretante, e, portanto, dos processos de recepção da música. Assim também o fez Schaeffer, que considerou não apenas a emissão como também a recepção e os efeitos dos processos de comunicação sonora, incluindo suas características psicofísicas e psicológicas (MELO, 2007).

Embora tenha se baseado na fenomenologia de Husserl, as funções da escuta de Schaeffer indicam uma relação com as três categorias de Peirce, como argumentamos em artigo publicado em 2021. Nos perguntamos: “se ouvir é ‘perceber pelo ouvido’, e ‘escutar corresponde à uma atitude mais ativa’, conforme sugere Schaeffer (1966), não seria escutar um momento segundo da nossa percepção sonora?” (BORGES, 2021, p.122). Para tornar visível esse raciocínio, propusemos um “giro” no seu quadro dos modos de escuta, mudando, assim, sua perspectiva, de quatro para três modos, mas não a natureza da sua proposição.



Fonte: quadro dos modos de escuta de Pierre Schaeffer (à esquerda). Proposta triádica da autora (à direita). Nessa proposta, a escuta se processa como uma tríade, em que *ouvir*, *escutar* e *compreender* operam, nessa ordem, sempre que a escuta for *natural* ou *comum*, tomando como base os quatro grupos da percepção auditiva propostos por Schaeffer. Ao definir *entendre*, a partir do sentido etimológico, como “ter a intenção”, “o que eu entendo, o que se manifesta, é função dessa intenção” (SCHAEFFER, 1966, p. 104, apud MELO, 2007, p. 52), Schaeffer coloca o *entendre* como a escuta do especialista, da percepção qualificada, e, portanto, da escuta *perita* ou *cultural*. Assim, nessa proposta, a tríade da escuta opera em dois territórios, de um lado, a escuta *natural* ou *comum*, aquela que se processa sem mesmo nos darmos conta desta ação; de outro, a escuta *cultural* ou *especializada*, quando o escutar (*écouter*) toma a potência do *entendre*, numa escuta onde a intenção é uma “percepção qualificada”.

Se a linguagem sonora é a mais primordial, a escuta inaugura a comunicação como uma experiência sensível. Uma experiência que começa no corpo ainda antes do nascimento. Assim, partindo dos modos de escuta de Schaeffer (1966) e da perspectiva semiótica em Santaella (2001), busca-se ampliar a compreensão da escuta no campo do sensível, de tal forma que esse estudo possa embasar o conceito da instalação da obra-pesquisa *Schizomachine*. Inspirada em *Um Rei à Escuta*, a instalação propõe uma escuta do corpo-mente através do olhar, em que o visitante tomará o lugar do rei ao vestir a interface, convertendo-se, ao mesmo tempo, em uma obra de arte.

Referências

BORGES, Maria Lucília. (2021). Do pulsar ao corpo-esquizofônico: *Schizomachine*, um exercício de escutas possíveis. **Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará**, 12(1), 115–136. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/passagens/article/view/70961>. Acesso: jun. 2025.

CALVINO, Italo. Um rei à escuta. In: **Sob o sol-jaguar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MELO, Fabrício A. Corrêa de. **De “Introduction à la musique concrète” ao “Traité des objets musicaux”**: gênese do solfejo dos objetos musicais de Pierre Schaeffer. Orientação: Carlos Palombini. 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: Sonora Visual Verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SCHAEFFER, Pierre. **Traité des objets musicaux**: essai interdisciplines. Paris: Seuil, 1966.

SCHAEFFER, Pierre. **Tratado dos Objetos Musicais**: ensaio interdisciplinar. Brasília: Editora UnB, 1993.

WISNIK, José Miugal. **O som e o sentido**: uma outra história da música. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.